

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. —
Trimestre 1\$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 41. — SABBADO, 11 DE OUTUBRO DE 1836.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4\$000 — Semestre 2\$100 rs.
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

SUMMARY.

Piratas de Riff — O Castigo do Senhor (continuação) — Historia natural — Os contos do tio Joaquim (continuação) — Constança de jesuita (continuação) — Deus! poesia — Viagem á roda do toucador da minha Emilia (continuação) — Pará — Convento de S. Francisco, em Bragança — Malta — Chronica

GRAVURAS — Convento de S. Francisco, em Bragança — Pará — Cidade velha em Malta — Porto de Malta.

PIRATAS DE RIFF.

O vocabulo Riff, que pertence á lingua barbaresca, significa *costa, rio, margem*.

A provincia do Riff, ou *er Riff*, é a mais septentrional do imperio de Marrocos. Forma o littoral marrochino do Mediterraneo, exclusivamente povoado por tribus indomitas, e hordas que vivem da pilhagem. É banhada pelo mar de Tanger, em Melilla, quasi que na extensão de trezentos e trinta kilometros.

Está limitada ao sul pela principal cadêa do pequeno Atlas que, desde a ponta de Ceuta até á bahia de Maferrin, descreve para o centro africano uma curva muito regular.

A extensão media d'este territorio, de norte ao meio-dia, é de cincoenta kilometros.

É limitado ao sul pelo reino de Fez, ao sueste por Garet, e ao sudoeste por Azgar.

Região montuosa do picos escarpados, gargantas profundas, estreitas e inacessiveis, acha-se coberta e atravessada em todos os sentidos por innumeraveis ramificações que da cadêa mais alta do pequeno Atlas avançam descendo, occultando-se, e cruzando-se até ás praias do Mediterraneo.

Só esta configuração irregular do solo bastaria a dificultar aos viajantes e geographos a exploração de Riff, se não acrescesse a isto o caracter malvado dos seus habitantes. Por este motivo toda a costa de Ceuta até confinar com Argel é desconhecida, e muito mais o seu interior.

Suppõe-se que haverá ahí numerosas povoações; porém nunca a sua existencia foi averiguada, nem dos seus nomes ha noticia na Europa. Deverá ter consideraveis mananciaes, valles espaçosos e ferteis, montanhas elevadas. De poucas, e d'algumas tribus unicamente se sabe o que vae por tres seculos contou Leão, o Africano. De então para cá falharam completamente as noções d'este paiz selvagem.

Riff entra n'essa designação geral que antigamente se dava áquella região de estados barbarescos. Hoje sabem todos que as povoações da Berberia se dividem em barbarescos, arabes, moiros, judeus e negros.

É aos primeiros que este paiz pertence.

Verdadeiros indigenas do norte da Africa, os barbarescos nunca se mesclaram com as poderosas nações que successivamente se estabeleceram em parte do seu territorio.

Viveram seculos ao lado dos romanos, sem que a sua fereza lhes permittisse aprender coisa alguma da lingua de Italia. Se ao depois se uniram aos arabes conquistado-

res por causa da conformidade de certos costumes de ambas as raças, esta união sómente se effectuou n'algumas provincias; as montanhas impenetraveis de Riff e Marrocos não se communicaram n'esta união. Por isso n'esta parte do Atlas a lingua barbaresca tem conservado a sua pureza. Já não succede assim em Argel, que se misturou com o arabe.

Os barbarescos estão actualmente divididos em muitas e grandes familias. As duas principaes são os Neuplades de Riff, e os Kabilas da Argelia: dois typos differentes com muitos pontos de similhaça. O montanhês de Riff é mais branco do que o arabe; tem a physionomia europea; fiel á tradição de seus paes, conserva com religioso respeito os antigos usos; prefere dormir sobre a terra escalvada ás habitações de pedra ou de madeira, e amoldar-se ás exigencias da civilisação. Parece-lhe que transformando-se perderia a sua liberdade.

Desgraça é que ás vezes desça das suas montanhas; porque é sempre para apresentar batalha á civilisação, e exercer na costa actos de crueldade, como ultimamente succedeu com a tripulação prussiana. Menos celebres do que os piratas d'Argel, os de Riff seguem a mesma estrada, caem sobre os pobres naufragos, e degolam-os.

Afora esta industria, uns cultivam a terra ao redor das suas cabanas, e ahí se encontra com abundancia tu-

O monte Beni-Mansor é muito mais extenso, porém menos fertil. Os seus habitantes só cultivam o arroz, e tem semanalmente um mercado de comestiveis.

Todas as montanhas de Riff são mui altas, e a maior parte do anno estão cobertas de neve, de sorte que se avistam do mar muito ao longe, e por isto os hespanhoes lhe chamam Montes Claros.

Estas tribus indomitas, sempre armadas, vivem do roubo, sem nenhuma noção de justiça e probidade, trepam os mais escarpados rochedos, baixam aos valles para os arrazar; e comem, bebem, dormem e combatem com o arrojo, furor, e impetuosidade de animaes ferozes. Servem-se do arco, frechas, e espingardas, porém batalham sempre em confusão e desordem.

Quando perseguidos, trepam pelos estreitos deflaideros das suas montanhas, e d'ahi destroem os inimigos a tiros e pedradas. São ageis e robustos: as mulheres formosas e bem conformadas. Como são zelosos e violentos maltratam-as logo á menor suspeita. Professam o mahometismo, porém ignorando muitos dos pontos essenciaes d'este culto, pode dizer-se que a sua religião é um grosseiro fetichismo. Atrevidos e valentes, barbaros e malvados, matam sem piedade o adversario que lhes cae nas mãos.

O imperador de Marrocos raras vezes os chama a serviço nos seus exercitos, porque desconfia d'elles, visto que se não sujeitam á disciplina, nem soffrem jugo. O serviço que exige d'elles é que lhe abasteçam as tropas de arroz, trigo, carne, azeite e mel. Se em alguns casos se ha visto obrigado a chamal-os ás bandeiras, logo tem cuidado, apenas a campanha se acaba, de tirar-lhes as armas e despedil-os para as suas montanhas.

Taes são as hordas facinoras de Riff. A natureza do seu territorio, seu character e estado social baldarão sempre a vingança que a Europa pretenda tomar das suas covardes e sanguinarias aggressões.

Ainda ha pouco acabam de dar um exemplo de sua fereza. O principe Adalberto da Prussia viu-se obrigado a tocar com a sua fragata as praias d'esta barbara tribu, e o mesmo foi desembarcar que ver-se assaltado por elles. Defendeu-se com valor, morrendo-lhe alguns da guarnição do seu navio, e saindo o principe ferido da peleja. Foi curar-se a Gibraltar, e já voltou para o seu paiz. A Prussia tenta um desaggravo d'esta affronta, e para isso convoca as potencias maritimas que se apromptam a coadjuval-a.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

O CASTIGO DO SENHOR.

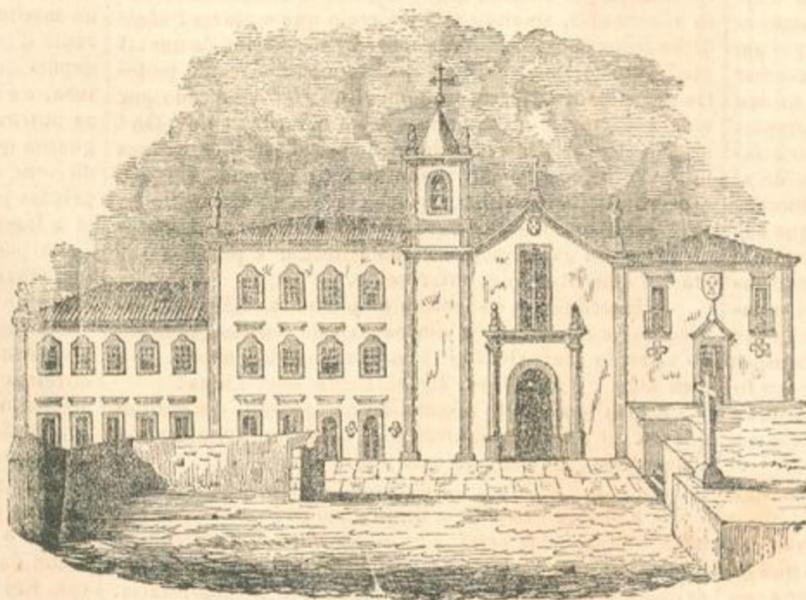
CONTO AO SERÃO.

Continuação.

VIII

NOVA DOR DE NOVA MAGOA.

O Castigo do Senhor, se acompanhara todos os seus amigos até ao logar que destinaram para descansar, e cu-



Convento de S. Francisco, em Bragança.

do necessario á vida: outros permutam com os seus vizinhos mel, cera e pelles, por trigo e arroz.

Ha montanha em Riff que proporcionava antigamente até quinze mil combatentes. A de Zenedidris, entre Ceuta e Tanger, estava povoada nos tempos passados por tribus tão bravas, que os reis de Granada n'ella recrutavam os mais distinctos soldados da sua guarda.

O monte Beni-Oriegan abunda em vinhas, cedros excellentes para construcções maritimas, oliveiras e muita copia de arvores de fructo.

As mulheres são celebres pelo pouco recato de costumes, e os homens pelos zelos e brutalidade.

rar-se sendo possível o protegido de Laura, não se demorou em deixá-los, não só para poder na sua solidão chorar as magoas que o opprimiam, mas por conhecer que nada existe mais inútil ao lado da cama d'um doente do que um homem, logo que chega ali a mão delicada e caritativa da mulher, magicos entes que Deus creou como lenitivo ás grandes magoas moraes, quando se soffrem torturas que o homem crê indestructiveis.

Os abraços d'uma mãe, d'uma esposa, ou d'uma filha são os laços eternos com que Deus prende o homem a si mesmo.

Paulino estava só na sala em que pouco antes contractara o casamento de seus filhos; nem uma luz o acompanhava, apenas se descobria alguma claridade junto da porta que communicava com o grande corredor onde esta se achava, e foi por isso que, no momento em que elle, encostado sobre uma ottomana, pensava na maneira porque cumpriria a confissão dolorosa que era inevitavel diante de seus filhos, viu um vulto negro aproximar-se, e sentiu uma voz para elle conhecida, e presa á sua alma, que dizia: D. Manuel?

— Quem falla? Esse nome... essa voz?

— Chamar-vos-hei, disse a dama, o Castigo do Senhor?

— Sabeis, tornou elle, o titulo com que os homens me provam a justiça de Deus? Conheceis essa marca indelevel que a Providencia ligou a mim, como emblema do meu destino desgraçado?

— Sei, conheço, disse a mulher aproximando-se; oxalá que eu jámais o soubesse. Será possível, meu Deus, que o espaço de vinte annos apague do pensamento as lembranças d'um ente que se amou?! Será o tempo mais poderoso do que as idéas do amor?! O soffrimento, as lagrimas transformão d'egual modo a voz, como a fronte? Dize. B. Paulino estremeceis, e n'este momento a mulher na escuridão estava ao seu lado; morreu na tua memoria, como morreu ao teu lado a mãe do teu filho? Não se te apresenta ainda na mente a imagem d'uma mulher, precursora d'um remorso? Não trax aos teus ouvidos o destino ou Deus o nome de Luiza?

— Luiza, Luiza! exclamou elle, tomando nas mãos as mãos d'aquella mulher, que na escuridão lhe repellia o contacto; e elle, como louco, como se acreditasse ser aquelle dia o da justiça do Senhor para punir ali todos os seus crimes, bradava sem tino, nas convulsões de mil pensamentos desesperados:

— Luiza?!... Ah!... que me dizeis? Que terrificantes idéas se não despertam em face d'esse nome! E a mulher era em silencio, e escutava attenta, querendo achar todo o pensamento de Paulino. Oh! e como eu fui feliz junto d'essa mulher! Como a Mãe de Deus nos uniu, e como Deus nos separou punindo-me!! E chorava!..... que o forte o o fraco, e a virtude e o crime, são eguaes em face da dôr que os lanceia. Porém ella é feliz ao lado de D. Carlos, vive ao lado do seu filho; é mais feliz do que o pobre abandonado.

— É mentira!

— Que?.. sabeis?!... Ah! dizia elle afflicto, foi ella, foi Luiza que vos contou?... Vistel-a... que vos disse? que sabeis?... fallae.

— Sei que essa desditosa, disse vagarosa mas profundamente a que estava ao lado do Castigo do Senhor, foi um dia forçada, pelo nome illustre de seu pae, a lançar-se nos braços d'um homem que não amava, mas diante da honra de quem pasmara, que viveu ao seu lado vinte annos, respeitando-o sempre, mas contrariada sempre tambem, porque via no esposo, mais um juiz, do que um companheiro de magoas e venturas; que viu essa mulher morrer-lhe nos braços seu pae, que a abençoava no seu ultimo suspiro, porque ella tinha ganhado pelos prantos a força de occultar um segredo, de que a revelação a faria amaldiçoada; sei, que viu essa mulher junto de si crescer o filho que adorava, que escutou dar o innocente, o nome de pae, a um homem que o não era; que durante vinte annos sumiu sempre no fundo do coração o segredo, de que ella só fôra culpada, se é crime amar pura e santamente; que reprimiu durante esse espaço as palavras que se lhe debruçavam dos labios em cada hora; e que fez tudo isto porque se não podia merecer aos olhos do esposo mais do que piedade, queria o amor do seu filho, não queria deshonrar-se diante d'elle; queria que a amasse, que lhe desse a dedicação respeitosa que deve um filho ter por sua mãe.

— Santos do Ceo, que linguagem!..... exclamava o amante da que fôra esposa de D. Carlos.

— Oh! mas ainda não sabeis tudo, continuava ella, cobrando a cada instante alento novo; não sabeis que D. Carlos d'Athaide não existe há já seis mezes, e que a sua viuva só foi depois da sua morte que pôde realmente admirar o nobre coração do esposo que tivera; porque a sua fortuna immensa foi legada unicamente ao filho d'um crime que não era seu; mas crêde que essa mulher, que não sabia amal-o, chorou com lagrimas d'um verdadeiro sentimento o homem que a amparara contra a deshonra, e que a cercara apesar d'isso de veneração e de respeito, e que durante vinte annos, nunca soubera ter uma palavra amarga para a mulher que fôra infeliz, porém jámais culpada. Mas apesar de tantos sacrificios não pode essa mulher revelar ainda a seu filho o segredo porque ella daria metade da sua vida. Sabeis, disse ella agarrando corajosamente no braço do Castigo do Senhor, Luiza acreditou-se destinada por Deus para arrancar ao crime o ho-

mem que a amara, e que ella amara tambem, e julgou, talvez n'um sonho delirioso, que aos votos santos da mulher que symbolisa um amor puro, e aos desejos d'um filho, poderia um pae criminoso, ou infeliz, cair nos seus braços conquistando a honra.

— Eis a corôa do castigo, é impossivel subir mais, meu Deus! bradava Paulino.

— Mentis! tornou a mulher; quem deu ao homem o poder de avaliar os castigos com que pune o Senhor os crimes dos mortaes? A mulher que vos falla, e que devora amaldiçoar-vos e não pode, é a mãe de teu filho!

— Ah!

E como se uma dôr mortal lhe cortara a vida, buscava encarar na solidão a virgem que tornara mulher desditosa; mas depois, como se a dôr tivesse um imperio de nova existencia, caindo de joelhos soluçando, e morrendo na profundidade d'um espinho doloroso:

— Vós, vós... tu!... perdoas, não é verdade! tem dô de mim, que nunca ninguem me estendeu a mão d'amigo. A ventura, nunca a tive senão quando te vi, que te ame... e a desgraça tenho-a tido só; e era triste e magoado o fallar choroso do infeliz: eis a candura, a pureza que nunca valeu ninguem para o meu coração. Luiza, Luiza! e elle erguia-se nos braços da mulher que o levantava, e apertava nos seus braços pela vez primeira a mãe do seu filho: não posso dar-te o coração cheio de um amor como se tem aos vinte annos, mas dou-te o coração cheio d'um amor de vinte annos.

E ao impulso que attrahe a mulher para o homem que primeiro a amou, e que recebeu o seu amor em troca, e para o homem que se tornou o seu senhor, porque lhe deu pela vontade de Deus o sacerdocio da maternidade, lembrou-se essa mulher, que talvez elle mesmo o tivesse destruido, pois que ninguem sabia então se morreria o desgraçado Eduardo; e Luiza repelliu Paulino.

— Afastae-vos, senhor, dizia ella, não finda aqui a minha historia; a vontade do meu esposo foi que eu voltasse á patria, que trouxesse os meus capitães, e os braços e a intelligencia do meu filho ao serviço portuguez; e eu cumprí o seu desejo, e tencionava viver, e morrer tambem no palacio da encosta; mas quando o termo da jornada era já proximo, fomos assaltados por uma quadrilha infame, e seu rei ereis vós. — E n'este momento Luiza sorria com esse sorriso desesperado, que nada mais é do que o pranto disfarçado, como um novo insulto ao mundo. — Caiu uma multidão de covardes sobre um valente isolado. Ninguem pôde ferir-o, o unico tiro foi teu, e elle caiu... ora a justiça do Senhor que nos punia — e o amor da mãe calcava o amor da amante, trocava a ternura pelo odio, e fulminava Paulino com a oppressão d'um peso criminoso que elle se não atrevera a pensar — alegra-te, gloria-te, mataste o teu filho!

— É falso, é mentira, é impossivel! Não haveria Providencia se tal fosse. Ai Deus, Deus! — E despedaçado pela dôr que lhe corria em lagrimas na fronte, dizia de joelhos: — Ha Deus, ha Providencia, porque os crimes são punidos. O meu filho, o meu filho... corramos...

E tomava o braço de Luiza, e queria abraçá-lo n'esse instante! Mas não pôde a mulher, que se habituara ao soffrimento, acompanhá-lo; e retendo-o lhe disse com socego e tranquillidade:

— E querieis por um momento de loucura dar-me um despreso que comprei pelo preço de vinte annos de dôr; querieis-me conquistar no fim de vinte annos de ausencia a maldição do meu filho? E querieis conquistá-la para vós mesmo, amando-o como creio que o amaes? Maldição inherente d'um filho honrado aos crimes de um tal pae! Pensae, meu pobre e desditoso amigo, como poderia dar o nome de pae ao homem que é deshonrado por toda a parte, e ainda, que o feriu covardemente? Oh! crêde, elle só poderia fulminar com seus odios a fraca mulher que se não horrorizou diante do crime, que não sabe elle nem a minha loucura, nem a vossa falsidade; só poderia pela vossa declaração acreditar-vos pela segunda vez o seu assassino; o velho saltador e perdido que era aos sessenta annos infanteida.

— É verdade — e apertava de joelhos as mãos da desgraçada, e no estertor d'um paroxismo delirioso bradava no auge do mais elevado tormento: — a deshonra... o meu filho... Ai! Deus! Deus! Perdoae-me, Luiza!

E caiu sem forças e sem tino no sobrado, e a mulher que ao ver a magoa perdera todo o seu rancor, ajudou-o a descansar! Só chorava com elle.

Ia a hora adiantada, e Bertha não pôde continuar por mais tempo; mas creio que n'essa noite sonhei com os heroes, se é que o são, d'esta historia, que eu cri verdadeira, e que ainda hoje me não atrevo a julgar falsa. Mas direi aqui baixo, e quem sabe se com medo de errar: o que muito me admirou então, foi como Laura tão pacifica cobrou logo uma nova fortaleza! É que eu não sabia aos dez annos que — L'amour c'est la vie.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

A felicidade é caprichosa; muitas vezes abandona a grandeza, e se allia com a pobreza.

Homem feliz é aquelle, cuja consciencia tranquillã não o argue de acções deshonrosas.

HISTORIA NATURAL.

AS ABELHAS.

(Segunda carta a minha filha.)

Alegrei-me em extremo com a noticia de ter sido do teu agrado a minha carta, e com o pedido que me fazes de continuar esta parte da tua educação. O estudo da historia natural tem bellezas tão sedutoras que arrastam insensivelmente o homem a profundar os seus segredos com um entusiasmo tal que se chega a classificar de monomania. Embora. O genio prescrutinador da especie humana nunca se satisfaz com o que já sabe; caminha e avança sempre para o que ainda lhe é desconhecido; não pára, nem se aterra com os obstaculos. Este furor investigador é uma felicidade, porque a reunião de todos os esforços isolados, e o conjunto de todas as descobertas é que formam a sciencia.

Vou continuar, portanto, no meu empenho; e concluir hoje com a historia dos costumes e industria das abelhas.

Preparada a habitação, como já te disse, principiam ellas a construir o primeiro favo. Quando chega a tres ou quatro polegadas de comprimento, começam o segundo, depois o terceiro, collocando um á direita outro á esquerda do primeiro, e assim vão proseguindo até encher a habitação.

Os favos são construidos paralelamente, e a distancia de quatro linhas uns dos outros. São feitos de cera, e abertos em cellasinhas que se chamam alveolos. As paredes d'estes alveolos tem de grossura a sexta parte de uma linha, porém os rebordos estão fortificados por um cordãozinho mais grosso tambem de cera.

Servem os favos para se crearem as obreiras n'esta especie de berços, e para depositos do mel e do polen. Se na cavidade ha sitios pouco adequados para a cria, as obreiras constroem alveolos maiores.

Deixam entre os favos do centro um espaço de polegada e meia a duas polegadas, onde constroem alveolos de polegada de comprimento, e tres linhas e meia de largo, mui brunidos, de figura oval, oblonga, e afastados uns dos outros. E n'estes alveolos, bastante espaços para se revolverem á vontade, que habitam as rainhas.

As obreiras concorrem em commum, o ajudam-se simultaneamente n'estes trabalhos. Em quanto umas estão assim occupadas, as outras vão misturar-se com ellas para as alimentar, depositando-lhes sobre a tromba o mel que trazem no estomago.

Fazem tambem outros trabalhos accidentaes. Se algum insecto inimigo, mais forte que ellas, as ataca, tapam immediatamente a abertura da habitação, deixando só o espaço preciso para entrar ou sair. Se algum estranho se lhe introduz na colmeia, atacam-o, matam-o, e se não podem arrastal-o para fora involvem-o n'uma capa de cera afim de impedir a putrefacção, ou pelo menos para obstar a que os miasmas corrompam o ar interior.

As abelhas de uma colmeia conhecem-se tão bem umas ás outras, que se alguma estranha se introduz no enxame, é immediatamente morta.

Se a rainha está fecundada, começa a postura. Se o não está sae para fora da colmeia, desde as onze horas do dia até ás tres da tarde, e anda esvoaçando em procura do macho. Topando-o regressa á habitação, e uma operação d'estas basta pelo menos para um anno. Dois dias depois de encontrar o macho, a abelha principia a postura, e é então que começa a ser rainha; porque virgem as outras não fazem caso d'ella; e fecunda, dão-lhe uma guarda que a acompanha sempre, e de quando em quando vem uma obreira alimentar-a com substancias apropriadas já a diminuir-lhe a postura, já a augmentar-lh'a, já a fazer-lh'a cessar.

A postura é feita passeando a abelha pelos favos, e introduzindo o abdomen nos alveolos para depositar n'elles um ovo, depois de se certificar que estão bem limpos.

A incubação dura tres dias, saindo do ovo um bichinho, sem pés, branco e molle, ao qual se chama larva. As obreiras apenas a larva nasce, apressam-se a dar-lhe um alimento composto de mel e de polen, em quantidade proporcionada á sua idade.

Dentro em cinco ou seis dias a larva está completamente desinvolvida. Tapam-lhe então o alveolo com uma capa de cera um pouco ovada. A larva guarnece internamente o alveolo com uma tela finissima, á imitação do bicho da seda, e consome n'este trabalho trinta e seis horas. Em tres dias se metamorphoseia em alvissima nympha, e sete dias e meio, ou vinte depois da postura, em abelha obreira, epoca em que sae do alveolo rompendo-lhe a capa de cera com que foi tapado.

Passadas vinte e quatro para vinte e seis horas depois de ter saído do alveolo, a nova obreira entrega-se aos mesmos trabalhos que as outras.

Durante aquellas trinta e seis horas são limpas e nutridas pelas abelhas que se apressam tambem a limpar o alveolo apenas sae d'elle a nova companheira, não lhe desprendendo comtudo a teia. Segue-se das teias accumuladas pelas successivas posturas, ir diminuindo o espaço dos alveolos, e d'ahi serem mais pequenas do que as primeiras as ultimamente creadas.

Se a estação continua favoravel á colheita do nectar

e do polen, o ventre da abelha mãe alarga-se muito, e começa uma postura de ovos machos. As obreiras tratam as larvas dos machos com o mesmo cuidado que as das obreiras, só com a diferença de os machos demorarem a metamorphose mais cinco dias.

Terminada esta postura, a mãe principia outra de obreiras, e dirigindo-se então aos alveolos destinados para as rainhas, põe n'elles um ovo de cada dois a tres dias. São d'estes que nascem as abelhas mães. As obreiras tratam tão desveladamente estas larvas, que vigiam dia e noite para os seus alveolos se conservarem isolados. O ovo converte-se em insecto perfeito dezeseis dias depois da postura.

Os machos só vivem alguns mezes; as obreiras um anno; as mães tem mais tempo de vida, e não saem da colmeia senão para serem fecundadas.

Quando o tempo está chuvoso e frio as abelhas não saem da habitação; passam tranquiillamente o tempo gastando sobriamente as suas provisões. Se a temperatura é mui fria estão em lethargo e entorpecidas até que o calor as vivifique.

Eis a historia das abelhas. Outro dia fallaremos d'algum outro individuo do reino animal.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

OS CONTOS DO TIO JOAQUIM.

Continuação

III

NÃO JURAR EM VÃO.

Entre os trabalhadores da quinta de meu avô, havia um chamado Antonio, bom rapaz, é verdade, mas que tinha um defeito capital de que não se corrigia nunca.

Era mentiroso, como os que o são, e quando o não acreditavam, amontoava juras sobre juras, qual mais tremenda ou de mais responsabilidade e respeito para um homem de bem.

E era pena; porque poucos havia tão laboriosos como elle.

Chamavam-lhe o gallo da madrugada — titulo bem justificado pelo quanto se apressava em concorrer ao trabalho, e não poucas vezes os pobres beneficios que o seu magro peculio lhe permitia fazer, vinham a constar pelos outros e não por elle muito em seu abono e boa reputação.

O tio Joaquim tinha-o reprehendido muito; mas aquelle maldito sestro não o queria perder nem a bem nem a mal. Era o seu senão, que lhe acarretava não poucos dissabores e que não pouco prejudicava os outros.

Um domingo, era depois da missa do dia, no adro da igreja estavam reunidos em mó os saloios d'aquelles sitios, que tinham concorrido ao santo sacrificio. De factos domingueiros, e varapaus ferrados, discorriam pelas novidades do lugar, exactamente como os nossos elegantes á porta do Marrare, ou nas salas do Gremio.

Diga-se a verdade; as Marias e as Joannas não deixavam de influir n'aquellas reuniões, porque não poucos eram os que ali compareciam levando em mira fallar ás suas requestadas, ensaiar requebros, ou ajustar entretenimentos para as horas de sesta ou para as tardes dos dias santos.

O nosso Antonio tambem não faltava á reunião, e já por mais de uma vez fizera das suas, sem consequencias de maior, pelo pouco credito que tinham n'aquelle mercado campestre as notas do nosso caramboleiro.

Havia no lugar uma rapariga que se podia chamar uma perfeição, e que fazia tanta differença das suas companheiras, como a rosa de musgo das rosas carrasqueiras dos vallados.

Era gentil e mimosa, não tinha as côres de saude, nem aquelle acerejado do sol, ou formas robustas e quasi viris da raparigada do campo; mas era mais esbelta, mais pallida, mais clara e com uns olhos tão negros, tão negros, que lhe saíam da alvura do rosto, como dois diamantes negros engastados em esmalte branco.

Vivia arredada e em recato, e não apparecia em arrayal ou festa, senão de anno em anno e quasi por milagre.

Chamavam-lhe — a fidalga —, e o nome casava tanto com a sua distincção de maneiras e garbo de porte, como o soar das ave-marias com os descampados das serras.

Como já se deve suppor, os fragatas da terra tinham pretendido as honras de arrojado seu, mas debalde, porque os rejeitava, e quasi todos descoroçoados tinham desistido da empresa.

Digo quasi todos, porque dois ainda lhe arrastavam a aza, um, (aqui em segredo) era attendido e bem olhado; o outro, mais infeliz, nem fallar n'isso é bom, mordida-se de raiva pelos desdens que soffria, e pelo pouco em que eram tidos seus requebros e paixões.

A escolha de Emilia tinha sido acertada, porque o José da Avó era o mais guapo moço d'aquellas duas leguas em redor. Desempenado e direito como uma vara de abrunheiro, valente como um pau de carrasco, generoso e de brio, nenhum, nem o mais pintado lhe levava as lampadas em trabalho de fazenda, em jogos de pau, ou em balharicos de domingo.

E cantigas! Sabia-as elle cantar como os que as sabem; entoava uma desgarrada ou sustentava um desafio, mais afinado e a preceito do que muitos d'esses italianos em segunda mão, que os empresarios nos impõem como notabilidades cantantes.

O outro pretendente não era muito cheio de não presta; mas ao pé do José da Avó ficava a perder de vista, o que não admira, porque vasos n'aquelles moldes não havia muitos no lugar. Elle porém, como não queria attender á razão, damnava-se jurando pela pelle do ditoso preferido.

Este era o estado da questão na manhã do tal domingo, e os dois rivaes conservavam-se a distancia respeitosa no meio de dois grupos distinctos.

Tinha saído já quasi toda a gente da igreja, quando Emilia se retirou, sem que lhe faltassem commentarios, em quanto passava por meio dos grupos.

— Olha a delambida, soltou d'ali uma das raparigas mais feias da terra, parece que vaé com o rei na barriga, nem olha para a gente.

— Era o que faltava; a fidalga!

— Vaé toda enlevada no seu José, tem medo que lh'o tirem do lance.

N'isto o nosso Antonio, que não queria ficar atraz, tambem se intrometteu na conversa, dizendo com modos de quem estava ao facto de mysterios d'aquelle circulo:

— Pois faz elle bem em perder o seu tempo, porque ainda não ha muito que vi o Miguel de conversa com ella á porta de casa, e pelos geitos que a coisa levava, não era a primeira vez que se fallavam.

— Ora tu sempre tens uma lingua!

— Um raio me parta se minto; tinha-me calado e feito a vista grossa, mas agora ferveu-me o sangue quando a vi assim como quem queria deitar lama para a cara da gente.

As palavras de Antonio não tinham caído no chão. José desconfiado como todos os namorados tinha estado de ouvido á escuta e não tinha perdido nem uma syllaba. N'outra occasião voltaria de certo as costas ao maldizente, mas d'esta vez mudava o caso de figura: o ciúme acreditava a voz do mentiroso e a tremor chegou-se ao pé d'elle perguntando-lhe com voz indecisa:

— Juras que é verdade o que acabas de dizer?

— Se é! os diabos me levem se minto; eu por mim não queria causar-te nenhuma aquella, mas assim como assim mais tarde ou mais cedo havias de vir a sabel-o; e verdade verdade ella não te merece.

— Basta, lhe retorquiu o pobre do José, e foi-se como um raio até onde estava o supposto arrojado.

Inutil é dizer que tinha sido tudo isto enredos e obra de Antonio. Soltara as primeiras palavras como por demais, depois sustentara o dito por capricho, mais tarde para que não suppozesses que tornara com a falla ao bucho por medroso.

Do outro lado do adro já uma floresta de paus se levantava no ar, e já as navalhas estavam fora das algibeiras; os dois tinham-se travado de razões, e, como palavra puxa palavra, tinham passado dos ditos a vias de facto e malhaviam uns nos outros como se fosse um monte de milho.

Ambos tinham partidarios seus, e por conseguinte a luta assumiu proporções maiores; porém por muito encarnizada que fosse entre os partidos, parecia um brinco de creanças á vista d'aquella em que os dois se tinham travado. Davam como quem se despedia do mundo, e como quem desejava ver estendido no chão para sempre o seu contrario.

Ao principio arrancaram dos paus e começaram a atirar as primeiras pancadas, porém nenhum d'elles estava coberto, de cego que estava, e quasi todas caíam em cheio; até que Miguel, depois de ter jogado umas poucas de sortes ao seu adversario, e de ter recebido não menor numero, fingindo-lhe uma paulada á cabeça, lhe dirigiu o pau por meia volta no ar ás pernas. Quando lá chegou já o seu adversario tinha procurado aparal-a, porém tanto em mal, e tão puxado d'alma ia, que o pau colhido no meio, não o aguentou e partiu-se; e o outro tambem não encontrando resistencia nem o corpo de José, porque elle já lh'o tinha furtado, foi d'encontro ás pedras do adro e partiu-se como o que o aparara.

Vendo-o desarmado, Miguel não perdeu tempo e correu sobre o inimigo com uma navalha cuja mola fizera saltar rapidamente, e tão feliz, que o baldeou logo no chão jorrando sangue por uma ferida no ventre.

O assassino, apenas commettido o crime, tomou as de Villa Diogo, e a desordem começou a apasiguar-se com a chegada dos cabos da terra, que tratavam de remover o ferido e de prender os combatentes.

O causador de tudo isto tinha, logo que viu tomar ao caso uma feição que lhe não suppozera, procurado socegar o motim, confessando a sua mentira, porém já era tarde; n'aquellas alturas qualquer intervenção seria inutil; teve pois de assistir arrependido-se, dizendo mal á sua vida, aquella triste scena, resultado do seu vicio, e promettendo, com mil juras outra vez, não mentir nunca mais; ajudou soluçando a levar o ferido para sua casa na maca, que tinham ido buscar, e accusando-se todo o caminho de ter sido elle, e só elle, o culpado de tudo, que succedera.

Nos tres dias, que se succederam á catastrophe, não se fallou n'outra coisa nos serões da quinta. O tio Joaquim conhecia-se que por vezes tinha vontade de fallar,

porém tão sincero lhe parecia o arrependimento de Antonio, que sempre desistia do intento. Uma noite, porém, o nosso mentiroso, já esquecido das juras que fizera, começou, por uma coisa que nada valia, a invocar os santos todos do Paraizo em seu testemunho, e a pedir raios e coriscos para seu castigo se mentisse.

O velho narrador d'essa vez saltou-lhe no gallinheiro, dizendo com aquella placidez de espirito, que tão habitual lhe era:

— Este Antonio, faz-me lembrar o João da Tenda, que vivia lá em baixo ao pé das casas do mestre Roberto, e que por dez réis de mel coadô fazia juras e protestos ás carradas. Em mal lhe deu o vicio, coitado! Que apesar de tudo era boa pessoa.

— O que lhe aconteceu, tio Joaquim?

— O que foi, o que foi?

— Conte, conte; ha tanto tempo que lhe não ouvimos uma historia!

— Pois bem, soceguem, que lhe não faltarei hoje, e não será por culpa minha que ella lhes não agrade.

O pobre do Antonio tinha pedido misericordia com um olhar de supplica; mas o velho compromettera palavra e não havia de se esquivar á promessa.

— Diz lá o rifão: « quem compra e mente na bolsa o sente »; como diz tambem: « homem de boa lei tem palavra como rei, » isto era quando os reis tinham palavra se alguma vez a tiveram, que d'essas coisas não sei eu, e quando não faltavam ao que promettiam.

O que é verdade é, que se o mentir prejudica a honra, e o corpo, não menos prejudica a alma estar por dá cá aquella palha a fallar no santo nome de Deus, e no dos santos, que não são coisas com que se brinque.

Nenhum dos que aqui estão vaé incomodar o patrão para coisas que não valem a pena, e muito menos por conseguinte devem ir bater á porta de patrões mais subidos, para de mais a mais os tomarem para testemunhas e parceiros de coisas que não só não valem a pena, mas que são mentiras ainda em cima. E depois, quando se apanha fama de mentiroso, não ha quem nos acredite por mais que deitemos os bofes pela bocca fora, e ainda mesmo que fallemos a verdade. Mau é dizer-se que o cão é danado.

— Mas se fór para fazer bem, não se deve mentir, tio Joaquim?

— Para tudo ha remedio. Uns homens que perseguiam outro, perguntaram a um santo, que encontraram no caminho, se tinha visto passar o malfeitor.

O bom do santo tinha-o visto, não havia muito; mas nem o queria denunciar, nem mentir tambem, já vém que elle estava n'esse caso, e que se devia ver a perros.

— É verdade, é verdade, e que respondeu?

— Que por ali não passara; e como estava com as mãos nas mangas, apontou para dentro d'uma d'ellas por onde de certo o tal homem não podia caber. Mas vamos á historia do João da Tenda.

Continua.

R. PAGANINO.

CONSTANCIA DE JESUITA.

Continuação.

VII

Por mór desventura estava escripto no livro dos destinos, que o pirata musulmano corresse perigo e puzesse em risco a vida das captivas.

Quando a frota berberesca, carregada de despojos pilhados nos navios do trato açoriano, e n'algum mais desaperecido da carreira da India ou do Brasil, caminhava ufana com a riqueza do saque, abocando o estreito de Gibraltar para sumir-se no Mediterraneo, sopro tempestuoso a dispersou com avarias e naufragios. Qual das embarcações correu sem rumo contra as costas da Hespanha ou da França; qual desmantelada e sem norte se foi fazer pedaços nas proprias praias d'Africa.

A galeaça, que conduzia Laura e Isabel, desdenhava do timão: não havia meio porque fazel-a obedecer. Rajadas violentas lhe dilaceraram as velas: algumas voaram pelos ares: d'outras, esfrangalhadas, só restavam fragmentos presos ao arvoredado, açoitados pelo vento, que por entre elle sibilava agoireiro.

De instante para instante desfalleciam as ultimas esperanças. Os animos moiriscos estavam quebrantados. Ninguém ousava mandar em meio de tamanha desolação. Cada qual se resignava ao destino. Só quando algum montanhoso vagalhão parecia querer engulir a galeaça, ecoavam por toda ella gemidos roucos, misturados ás vezes com imprecações de desespero.

Entretanto, no meio do perigo da tormenta, á beira do abysmo, nos humbraes da eternidade, alguém havia estranho a todos estes successos. Laura e Isabel, isentas de temores, conservavam intactas o seu sorrir de idiotas.

— Feiticeiras do inferno foram estas duas mulheres, que depois que aqui vem não provámos senão desgraças! . . . disse em arabigo um velho marinheiro, olhando para a desdenhosa impassibilidade das duas loucas.

Não o entenderam ellas. Isabel soltou gargalhada, como de sinistra mofa; e o velho enraivecido, dando-lhes costas, as encommendou a satanaz.

O tempo não amainou, e o vento impetuoso do noroeste, depois de doze dias de tempestade, arremessou galeaça e captivas ás praias de Smyrna.



Pará.

VIII

Que de fracos e caducos são os esteios da vida humana!

Quem adivinhara que as esperanças, que pouco tempo havia se nutriam no coração de Luiz Gonçalves, seriam tão depressa dissipadas, como as folhas seccas, despidas das arvores no estio, pelos primeiros tufões do inverno!

Villa Franca do Campo, aquella então principal povoação, que como pequena côrte da ilha de S. Miguel, continha ainda n'aquelles tempos parte da flor da nobreza michaelense, entretendo tambem o trafego e relações da civilização que ali mesmo alvorecera; tinha já perdido todo o magnetico attractivo para o moço amargurado, que tambem já havia perdido toda a alegria d'alma, toda a crença do coração. Sem Laura, impossivel fatal era a felicidade de Luiz; que, onde a adversidade deitou fel em affectos nascentes e candidos como o podem ser anjos, se o sentimento e a existencia não morreram logo, foi só para romper uma a uma todas as fibras do peito, metter bem fundo o ferro envenenado, desvairar pelo desespero, e ir no scepticismo perder a alma com a vida.

Esses jogos, esses folgares tão michaelenses, que se parecem reflectir paganismo, não prazem menos ao povo, por lhe gerar affectos e afugentar aborrimentos: — tudo isso, todas essas lóas, e solaus, que se davam tão profusamente em espectáculo e exercicio aos noveis cavalleiros, enojava Luiz, a quem a desdita levava a amada (que era toda aquella alma, toda aquella vida) de ausente a captiva de barbara moirisma, para não sabia que terras desconhecidas.

Cada dia acrescentava ao triste moço novas magoas, novos receios, novas incertezas, e lhe apressava o termo da vida e talvez da razão. Guapa figura fóra a d'elle, quando soffrimentos lh'a não desconcertavam. Magestoso no talhe, nobre no ademan como na estirpe, risonho e corado no semblante, no todo não desforneado de carnes, a barba que despontava, os olhos pretos, que, animados, tão bem fallavam d'amores, annelados cabellos fluctuando-lhe sobre o collo; — assim se distinguia entre toda aquella mocidade o nosso gentil heroe.

IX

Tempos depois do rapto e captiveiro de Laura e Isabel, sem que mais houvesse saber novas d'ellas, amofinado de pesares, não houve lagrimas e supplicas de paes e parentes, nem empenhos d'amigos, que dissuadissem Luiz do intento de abandonar a patria, que lhe gerava tão incessantes e pungentes recordações, e no serviço das armas em terras indianas buscar lenitivo ás penas que padecia, ou morte desesperada porque d'ellas se libertasse.

Não diremos quantos pensamentos melancolicos, quantas sombrias meditações, se apossaram d'aquella alma, tão nascida para a poesia e para o ideal, quando um dia ao pôr do sol, n'essa mesma aziaga hora em que mãos sacrilegas lhe tinham, talvez para sempre, roubado a amante innocente, viu perder-se-lhe de vista a terra natalicia, onde recebera a vida, mas em que deixava a alma desfallecida, esfolhada e perdidas as esperanças de felicidade.

Mar e ceos era quanto n'esta situação dolorosa restava para entreter as vistas desvairadas do novo guerreiro. O pontinho negro azul, que ainda ha pouco lá para o septentrião sobrenadava no horisonte, acabara por desvanecer-se de todo: ou a distancia por descompassada lhe furtava já o alcance; ou a noite imminente começava a involvel-o em nuvem e confusão.

Pobre Luiz, pobre coração, e pobre amor! Que lutas interiores, que visões te não occorrem! Eram aquelles tempos mais propensos a obrar que a escrever, mas nem por isso nos faltam exemplos, inda mal que tão raros, de engenheiros productores, excitados pela frescura da idade, ou pelo coração trasbordando amor ou amargura. D'esses taes era Luiz. Amigo dos livros e da escripta, achou ainda anodino n'esse feliz exercicio, que, se tem o condão de nos dar sciencia, não concorre menos a acompanhar-nos nas forçadas solidões; a temperar-nos a vida de melhor sabor; a dar rumo á navegação do espirito; a colher mais copioso e doirado fructo da existencia. Excellencia das excellencias, estudo e escriptura são balsa-mo, confidente, e conselheiro: são o melhor e mais confortavel allivio para penas do mundo.

É por isso que ás vezes, depois d'um dia de tormento, o infeliz expatriado, cansado de tanto lutar com aquellas secretas magoas; cansado de ceo e mares que se lhe afiguravam monotonos; da celeuma, ou do pio tristonho das aves aquaticas que perseguiam o rastro da embarcação; se dava a recolhimento profundo, e, como achara na espada a defensão e victoria contra inimigos vivos, assim com a penna tomava favoravel predominio sobre os inimigos moraes do seu repouso e paz interior.

O leitor quererá, e nós devemos satisfazer-lhe o desejo, dando amostra dos devaneios do nosso heroe.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

DEUS!

Ah vem, Lucinda, n'este ameno campo
Entre os arbustos, e co'as lindas flores,
No santo livro, por onde ellas resam
Seus doces cantos aprender com ellas.

Qual peito aquelle, que o prazer esquece,
De flores vendo engrinaldar-se a terra!...
Nas varias côres o immenso artista
Quem não conhece, ao estudar-lhe o mimo!...
Quem, seu tributo, não descobre, grato,
N'esse subtil, euebriante aroma
Em que rescendem, perfumando os ares;
E no das folhas ciclar tão brando,
Que vozes são com que ao Eterno fallam!

A copia infinda, que o potente braço
Aqui lançou, em matisadas formas,
Como revela seu poder supremo!

E quem se atreve, em maravilhas tantas,
Erguer, altivo, miserando orgulho?
O atheu? Não creias. Esse ente é falso.
Mente a si mesmo; mente aos seus sentidos;
Mente á sua alma; á existencia mente.

Vamos, Lucinda, contemplar o bosque.
Verás da selva magestosa coma,
Mostrar-te a fé, no levantar ás nuvens
Os verdes ramos, que tão leves fremem
Da fresca brisa ao namorado embate.

Mas se o tufão, ao percorrer o'spaço,
Entre seus troncos s'enleou severo,
Seu hymno doce, descantado á brisa,
Troca em gemido de sentir plangente;
Larga os perfumes, e desprende as flores,
Com que d'amores captivou enlevos!

É porque a selva reconhece um Deus!
Treme-lhe á ira — omnipotente effeito —
E nuncio d'ella no tufão sentindo,
Verga a cerviz, e se confessa humilde!

E se a justiça, não contente ainda,
Despede o raio a rasgar a terra,
Erguidas comas hi verás baixadas
Rojar no chão, e de terror transidos
Lascarem ramos; e fendidos troncos
Irem rolando até ao cavo abyssmo!

É porque a selva reconhece um Deus!
Treme-lhe á ira — da justiça effeito —
E no corisco seu poder sentindo,
Verga a cerviz, e se confessa humilde!

Olha no prado, como a verde relva
Sobre o torrão se debruçou humilde!
Eil-a acamada, sem tentar erguer-se
Vendo a procella que lá brame ao longe!...
Nas grandes iras é por Deus poupada,
E no perdão ella confia — a triste!



Cidade velha em Malta.



Porto de Malta.

No chaos immenso d'este horror sublime
 Não ouves preces de milhões de seres?...
 Deus as escuta, e na justiça forte,
 Suspende os raios, o tufão reprime:
 Ordena ao sol que, percorrendo o gyro,
 Venha co'a luz asserenar o mundo,
 E reflectindo resplandores de oiro
 Nas prehes nuvens d'um diluvio d'agua,
 Iris de esperança sobre a terra fulja!

Não vês erguer-se mansamente a coma
 D'altiva selva — a açoitada ha pouco? —
 Mas vae submissa, recompondo as folhas
 Que os rios d'agua lhe vergaram, fortes.
 A pouco e pouco vae pedindo á brisa
 Essas canções que modulou outr'ora;
 E pede ás auras o fragante aroma
 Que lhe roubaram, na procella ingente...
 E Deus, contente d'humildade tanta,
 Auras e brisas lhe despede á selva.

As avesinhas — que fugido tinham
 Ao, da procella, presentir furores —
 D'agros penedos, adejando em torno,
 — Onde acolher-se as mesquinhas foram —
 Á selva miram tão querida e bella
 Tão seus amores, e tão seus encantos!
 Repara n'ellas que, largando o vôo,
 La vem poisar-lhe nos pendidos ramos!

Não vês no entanto aquella pobre relva,
 Erguendo as fev'ras ao calor do dia;
 E olhando em torno, e se vendo illesa,
 Soltar mil hymnos ao Poder Supremo
 Qu'ampara os fracos, e derruba os fortes?

Onde o atheu que não confessa um Deus?
 Uma procella a confundil-o basta!
 Mostra-lhe o jorro que alastrou a terra,...
 Aponta á selva n'esse estrago immenso...
 Ergue-lhe os olhos a fitar no Iris...
 Deixa-lhe á alma responder por elle.

E tu, Lucinda, estes concertos ouve.
 São harpas d'anjos lá no ceo vibradas,
 E, cá no mundo, a responder-lhe o espaço,
 O bosque, a brisa, o universo inteiro!...
 Em aureas nuvens, sobranceiro aos anjos,
 Sobre os abyssos, debruçado o Eterno
 Olhando os homens, e sorrindo á terra.
 F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

VIAGEM Á RODA DO TOUCADOR DA MINHA EMILIA.

MEMORIAS DE UM NOIVO.

Continuação

IV

A minha Emilia sabe ler. A sua educação, esmerada
 n'este ponto, bastantes momentos de felicidade me pro-
 porcionou, em quanto nos namorámos.

N'um elegante *étager*, que fica mesmo no angulo da
 casa entre a janella e o toucador, colloquei dentro de um
 pequenino cofre de pau rosa, com embutidos de marfim,
 a historia dos meus amores escripta nas suas amantes
 cartas.

Com ellas encerrei tambem ali algumas flores, já secas,
 verdadeira imagem dos prazeres da vida.

Recebi-as da sua mão, n'um baile onde campearam
 vigosas, e me embriagaram com o seu perfume.

Teem já as côres desbotadas, como desvanecidas de-
 vem estar hoje muitas illusões que suscitaram n'aquel-
 la noite entre os que convidaram a minha Emilia para
 dançar!

Tenho um immenso cuidado ao pegar n'ellas para que
 se não desfolhem, como desfolhadas já estão as esperan-
 ças d'aquelles que a requestaram.

Estão resequidas e desfazem-se em pó, como rese-
 quidas e desfeitas já estão tambem as alegrias d'aquella
 festa!...

E amo-as assim mesmo; e muito, porque estiveram
 presas no seu peito, escutando-lhe os arcanos mais in-
 timos d'aquelle innocente coração, e sentiram-lh'o arfar,
 e tremeram ahi de cume ao ouvir-lhe dizer-me, tingin-
 do as faces de um casto rubor, e baixando os olhos: —
 « Amo-te! »

Estavam ali captivas as lindas flores, e quando as des-
 prendeu do seio, para lhes dar uma pouca de liberdade,
 e depois m'as entregar, visivelmente tremeram de dôr;
 porque mais d'uma folha lhe foi cair aos pés!

Pobres flores!

Estavam tão ufanas junto da sua rival, e sentiam-se
 tão felizes ainda assim vencidas por ella, que se desfolha-
 ram ao passar para a minha mão, como se foram entes
 sensiveis que rebentassem de dôr!

No turbilhão de uma valsa os pés de alguns pares des-
 cuidados pisaram aquellas folhas, sem as comprehendem-
 rem!

Assim pereceram, e eu sou o unico que ainda hoje
 lhes tributo uma saudosa recordação!

Tal é o mundo!

Isto é um rasgo do romantico galanteio; porém o amor
 quando é grande, verdadeiro, sentimental, tem alguma
 coisa de maravilhoso que se aproxima do sublime!

Quem não é capaz de o sentir, quem o não sabe apre-
 ciar, quem não pode sequer conhecê-lo, mofará do im-
 mense numero de pequenas delicadezas, de mil galante-
 rias que parecem bagatellas, mas que realmente são gra-
 ças filhas d'este sentimento, graças que não existirão on-
 de o não houver, e que são como a pedra de toque da sua
 pura sinceridade.

V

Como a minha Emilia sabe ler, entretive-me ha pou-
 cos dias em traçar um *A B C* que será a norma da sua
 vida, e aprendendo-o de côr, e tendo isso que elle deci-
 fra annexo a si, ficará sabendo mais letras que todos os
 philosophos, como disse fr. Luiz de Sousa, que é seu au-
 tor, á senhora para quem o escreveu.

Eil-o:

A, quer dizer que seja amiga de sua casa. B, bem
 quista da visinhança. C, caridosa com os pobres. D, de-
 vota da Virgem. E, entendida em seu officio. F, firme na
 fé. G, guardadeira de sua fazenda. H, humilde a seu ma-
 rido. I, inimiga de mexericos. L, leal. M, mansa. N, no-
 bre. O, onesta. P, prudente. Q, quieta. R, regrada. S,
 sizuda. T, trabalhadeira. V, virtuosa. X, xptã (christã).
 Z, zelosa da honra.

VI

E porque a desejo uma perfeita dona de sua casa, e
 sei que ella gosta de instruir-se n'estes deveres, fiz enca-
 denar primorosamente os seguintes conselhos que as an-
 tigas israelitas davam a suas filhas para as instruirem nos
 seus deveres, ensinando-lhes o meio de alcançarem a ver-
 dadeira felicidade:

« A mulher prudente, applicada ao governo da sua
 casa e laboriosa, é a alegria do marido, e far-lhe-ha pas-
 sar em paz todos os annos da sua vida.

« É mais preciosa que tudo quanto ha de mais raro
 nos confins da terra.

« O coração do marido depositará n'ella toda a con-
 fiança, e sua casa nadará sempre na abundancia.

« Ella procura a lã e o linho, e põe-os em obra com
 as suas habilidosas mãos.

« Levanta-se com a aurora, e distribue o alimento
 aos seus criados.

« Do trabalho de suas mãos tira com que comprar
 um campo e plantar uma vinha.

« Fortifica o corpo e os braços nas obras mais fortes,
 e quando as acaba, entretém os dedos nos trabalhos de
 fição.

« Abre as mãos ao indigente, e estende-as para acu-
 dir ao pobre.

« Não teme que a neve ou o frio penetrem em sua ca-
 sa, porque a sua familia anda bem vestida.

« Todas as suas tapeçarias, o seu linho, e a sua pur-
 pura são costurados por ella.

« Está revestida de força, e adornada de belleza. Só
 profere palavras de sabedoria, e a sua lingua é sempre
 conduzida pela lei da doçura.

« Traz sempre os olhos em tudo quanto se passa na
 sua casa, e não come o seu pão na ociosidade. E seus fi-
 lhos publicam que ella é feliz, e seu marido não cessa
 de a louvar.

« Uma mulher sensata, e amiga do silencio, é um dom
 de Deus.

« Nada ha que se possa comparar á mulher bem ins-
 truida.

« A mulher casta, e d'uma virtude solida, é a graça
 que excede a todas as graças.

« A mulher virtuosa é o presente de Deus ao homem
 pelas suas boas acções.

« A mulher má é a afflicção do coração e a chaga mor-
 tal do marido.

« É melhor viver com um leão ou com um dragão, do
 que habitar com uma mulher má.

« Não ha peor cabeça que a da serpente, nem cole-
 ra mais violenta que a da mulher.

« A sua má lingua é para o homem de genio pacifico
 o mesmo que a montanha pedregosa para os pés d'um ve-
 lho.

« A mulher ciosa é uma fonte de dôres.

« A mulher amiga de vinho é objecto de colera e de
 vergonha para seu marido.

« A mulher prudente e modesta será elevada em glo-
 ria; edifica e faz florecer a sua casa. A insensata destroe
 com as suas proprias mãos a que ja estava edificada e flo-
 rescente.

« A mulher bella e insensata é como um anel de oi-
 ro na concha de uma tartaruga.

« As graças do rosto desaparecem, e a belleza é pas-
 sageira. A mulher que teme o Senhor, é a que merece
 ser louvada.»

VII

Oh! como a minha Emilia hade estimar este peque-
 nino thesouro de maximas, este guia seguro para a sua
 viagem na estrada da felicidade!

Já a estou vendo pô-las em pratica com genio sereno,
 sempre alegre e *presenteira*!

E porque a sua alma é perfeita, a sua generosidade
 se regosijará em provar-me que só a mim ama, e de bom
 grado desdenha todas as frivolas distrações do mundo...

« A mulher que teme o Senhor é a que merece ser
 louvada. » Assim é a minha Emilia. Aquella alma candi-
 da, aquelle ingenuo coração tem posto em Deus a sua es-
 perança, e no ceo toda a sua confiança.

Foi por isso que lhe comprei tambem este livro de
 orações que colloquei aqui no seu *étager*.

A oração eleva a alma a Deus, para obter da sua mi-
 sericordia os bens em que acreditamos pela fé, e espera-
 mos pela esperança: ou então para lhe agradecer os be-
 neficios que se dignou conceder-nos.

É portanto a oração a homenagem que a creatura in-
 telligente deve á soberana magestade de Deus, como ao
 primeiro Ser, principio e fim de todas as coisas.

VIII

A primeira vez que encontrei a minha Emilia foi no
 templo. Estava ella n'uma tribuna.

Tinha até ali visto muitas mulheres na egreja, porém
 nenhuma me havia tocado o coração como ella. Algumas
 vezes me indignara o modo altivo e soberbo com que,
 junto ao altar do Deus vivo, as via desafiar as vistas
 dos homens, e pensamentos menos santos, já pelo seu tra-
 jar, já pela falta de modestia com que se apresentavam
 na casa do Senhor. O seu livro de orações mais lhes ser-
 via de ornato ou enfeite, que de meio de communica-
 ção entre ellas e Deus.

Porém como a minha Emilia differia d'ellas!

Ao ver-lhe a modestia e a compostura natural, devo-
 ta sem affectação, dirieis um seraphim descido lá das im-
 mensas alturas do throno de Deus para ensinar ás crea-
 tura a adoral-o cá sobre a terra.

Como a religião assenta bem na virgem humana!

Seus labios murmuravam mansamente uma oração,
 que os anjos lhe recolhiam ao soltar-se para a elevarem
 logo aos ceos.

Este perfume, este incenso das almas christãs exha-
 lando-se sempre activo do coração da creatura, é tão gra-
 to a Deus!

Radiava-lhe no rosto em quanto assim orava uma ex-
 pressão tão ineffavel de gozo, que contrastava singular-
 mente com a inquietação d'aquellas que acima descrevi.

Os olhos d'estas anueavam-se pelo temor e a descren-
 ça decorava-lhes as faces; os olhos da minha Emilia re-
 lampejavam de esperança, e a fé ruborava-lhe a fronte.

Onde o homem mais ousado que não sentisse tremer-
 se em presença de um pudor tão santo? onde o atheu que
 duvidasse de Deus vendo uma creatura tão perfeita cur-
 var-se-lhe humilhada, vencendo assim o orgulho da pro-
 pria belleza?

Encostado a um dos pilares da nave contemplava ar-
 rebatado aquelle espectaculo novo para mim, e abençoava,
 na perfeição da creatura, a esplendida magnificencia
 do Creator.

Os raios das luzes que allumiavam os differentes alta-
 res vinham convergir todos sobre a fronte da virgem, for-
 mando-lhe como uma aureola de bemaventurança celeste.

N'este momento os melodiosos sons do órgão derra-
 maram-se em torrentes de harmonia pelas vastas aboba-
 das do templo.

A minha Emilia sobresaltou-se ligeiramente, como
 se o som da harpa dos anjos a viesse arrancar a um pro-
 fundo lethargo.

Pareceu-me que uma corrente de electricidade har-
 monica se estabeleceu desde esse instante entre ella e o
 órgão, e a elevou ás regiões sobre as quaes só ha pôr su-
 perior a Deus.

Candidas nuvens de incenso despedidas dos thurybu-
 los foram pouco a pouco subindo pela egreja, e pouco a
 pouco tambem m'a foram occultando á vista.

A illusão era completa. Aquelle anjo tinha voado pa-
 ra o ceo, elevado sobre aquellas nuvens.

Café de joelhos e orei.... Louvei o Creator, e amei a
 creatura!.....

IX

Estou em frente do espelho, onde a minha Emilia se
 hade mirar; não para se rever nos seus encantos, mas
 para me parecer mais formosa e mais esbelta.

Loucas vaidades do mundo não a hão de fascinar.

Bem sei que ha muitas esposas que se preparam e en-
 feitam por causa das visitas que tem de receber; para po-
 derem apparecer á janella onde pretendem brillar; por
 causa do passeio onde desejam deslumbrar; e que não
 tendo no decurso do dia nem visita, nem passeio, se es-
 quecem dos maridos, e se deixam ficar em desalinho com
 a desculpa dos trabalhos caseiros.

A minha Emilia não é d'estas.

Que força de magia não me hade aqui encantar, quan-
 do, sentado ali n'aquella cadeira, me estiver revendo no
 esmero com que se tocará unicamente para me parecer
 bella!

Como será formosa então!

Alvo roupão de fina cambraia deixando-lhe a desco-
 berto sómente a garganta, e os braços até ao cotovello,
 ajustando-lhe a cintura em symetricas pregas, terá sobre-
 posto um penteador de cassa da India, sobre o qual se

debruçarão em ondas pelos hombros e pelas costas os sedosos cabellos que chegam a rojar no chão.

Symetrico pente de marfim corre a alisar-lh'os enterando os dentes por entre aquelles tenuissimos fios de oiro, que muitas lhe tem invejado, tão bellos e tão bastos.

A pouco e pouco o seu cabello vae tomando nova phantastica forma. Aqui se enastra em tranças que vão enroscar-se-lhe na nuca com uma elegancia que maravilha; ali se encaracola em graciosas espiraes que descaindo-lhe sobre o colo parece brincar em ligeiras ondulações espreitando-lhe o seio, e moldurando-lhe o rosto em relevado circulo de oiro.

Uma rebelde madeixa, que parece zombar de toda aquella arte feminina que as mulheres sabem empregar no penteado, não quer sujeitar-se nem á primeira, nem á segunda, nem á terceira vez.

Emilia impacienta-se.

Consulta-me.

Digo-lhe que está bem penteada.

Não me acredita, porque volve olhos para o espelho; e aquella tyrannica madeixa, sempre porfiosa, tira-lhe um certo mimo, uma certa harmonia que ella bem comprehende, mas não sabe expressar.

Toda aquella architectura da belleza fica em breve desfeita, e o novo capricho da moda vem substituir a derubada phantasia.

D'esta vez Emilia sorri-se satisfeita. A madeixa rebelde foi-lhe obediente á pressão dos mimosos dedos, e o espelho retrata-lhe invejoso os dois fios de finas perolas que alvejam por entre os seus delicados labios de nacar.

X

O homem solteiro não sabe, não pode gosar estes arrobados momentos de uma casta sensualidade...

Eu que o diga, porque já o experimentei.

Aquelle seductor sorriso de Emilia onebria-me. Levanto-me para lhe dar um beijo.

Sua fronte inclina-se para mim, meus labios roçam ligeiros pela sua assetinada pelle, como se receassem pelo contacto profanal-a; os seus imprimem-me na face um osculo que me transmite todo o fogo em que sua alma se abrasa.

Vou cingil-a com meus braços.

Esquiva-se-me.

Um alfinete mal seguro que lhe prendia o roupão, que ella desportara para ter mais livres os braços, cae-lhe no chão, e alargando-se-lhe o decote, este descobre indiscreto as formulas que o traídor espelho immediatamente estampa, reproduzindo-as em tão perfeita naturalidade, que os olhos se maravilham entre a ficção e a realidade.

O pudor (porque o estado de casada não o exclue) obriga Emilia a encobrir-se com o penteador, mas a transparencia da cassa atraiçoa-lhe a intenção.

A janella tem corrida uma linda persiana, e os refrangidos raios do dia, coando-se por ella, vem encher a casa de uma mystica luz de amor e mysterio...

XI

Quiz que não faltasse coisa alguma no toucador da minha Emilia.

Nem os *cosmetiques*, nem as aguas de cheiro podem acrescentar nada á sua belleza, nem de taes perfumes carece a mulher que tem consigo o perfume da virtude; porém a moda e os inventores d'estes elixires dizem que conservam a flexibilidade e transparencia da pelle.

A minha Emilia hade viver muitos annos, muitos; porém o tempo é tão impio e atrevido que não respeita nem a belleza, nem a virtude.

Como são crueis os seus damnos!

Quem ao cabo de setenta annos encontrará nas rugas da velhice os vestigios da mocidade e da formosura?

Quem verá no corpo da matrona entrada em annos, aquelle esbelto talhe, aquelle ar de sylphide que na mocidade desorientou a tantos?...

Quero retardar quanto fór possível estes effeitos estragadores. Por isso lhe comprei quantas aguas e quantos espiritos estão agora em uso.

A moda tem inventado lindas porcelanas, e elegantes cristaes para encerrar essencias e bijoutarias. Ha n'este genero um tal apuro de arte, que honra os artistas que o fabricam.

Oh! a minha Emilia merece do melhor que houver n'este genero.

Não sou d'aquelles que censuram as artes de luxo. Todos os homens tem direito á vida, e para isso é preciso inventar o trabalho, porque nem todos se podem applicar ao mesmo. Esses que declamam contra o luxo é porque não amam, é porque não estão como eu para se casar, que se o estivessem ainda achariam pouco todo quanto ha hoje para o offerecerem á sua desposada.

XII

Que confidente fiel não hade ser este espelho quando ella, á espera que eu volte para casa terminados os meus afazeres, o consultar sobre o seu vestuario?

Quantos sorrisos de satisfação e orgulho, por me parecer bella, quantos olhares de desdem por um franzido mal assente, por um alfinete mal pregado, aquelle confi-

dente lhe não retratará n'essas longas horas de espera, que sempre correm lentas para a esposa que ama seu marido, e o deseja a seu lado!

O que aos olhos avidos e cubicosos do proprio espelho se esconde, não ha receio de o mostrar ao espelho confidente, onde muitas vezes é preciso examinar os progressos de uma borbulha, ou a arranhadura de um alfinete!

Vou fazer cobrir de cortinas este espelho, para que nem o ar venha namorar aqui os vestigios das suas formosas formas, quando a minha Emilia n'estas occasiões o tiver consultado.

Sou tão cioso dos seus encantos que até os raios da luz, dando de cheio sobre as suas formas, ou sobre este espelho, depois d'ella se haver mirado, me excitam zelos!

XIII

É tão linda esta almofadinha de alfinetes!

Preguei-os do jeito para que a primeira letra do seu nome forme com o meu uma cifra emblematica da nossa união; e sobrepuz-lhe uma corôa de alfinetinhos doirados, significando rosas e lyrios, que por ella deve ser coroado o nosso venturoso amor.

Não sei quem inventou os alfinetes, nem quem descobriu que um alfinete era amor de um anno; porém sei que elles tem sido origem de muita ventura, e muito boas fortunas.

Tem havido tambem alfinetes tão indiscretos que se deixam despregar quando melhor deviam conservar recatado o que se lhe confiara á guarda; e outros tão incurríveis e ferrenhos que resistem a consecutivos assaltos, e não se deixam arrancar d'onde os preparam.

De muitos sei eu que tem atravessado os dedos da mão temeraria que se tem aventurado a correr por sobre o vestido ou lenço de uma dama, avisando assim o imprudente dos perigos que o ameaçam se persistir na tentativa.

A fortuna de um homem está muitas vezes em encontrar alguns d'estes espinhos que lhe guardem a sua rosa.

A minha Emilia não precisa de taes defesas.

O seu gesto, os seus modos afastam de si ainda o que seja mais atrevido; porque ella sabe que lhe confiei a minha honra e o meu nome, e a melhor guarda que n'isto pode haver é o seu amor.

Não quero, portanto, alfinetes traidores que á similitude de ouriçados espinhos me afastem de minha mulher quando pretender abraçal-a.

Quero-os d'esses que seguram sen posto, sem desertar para o chão á primeira aragem de vento, nem resistem tão impertinentes que abrem farpas no lenço ou vestido que pregam.

Prefiro os alfinetes brancos e os doirados aos pretos. E quem não os hade preferir comigo?

Bstes ultimos nem sempre são indicação de luto. Um vestido de seda preto, que é o traje mais decento para uma dama se apresentar na igreja, exige alfinetes da mesma cor para ser pregado.

Porém o alfinete preto tem para mim tão associadas as idéas lutoasas que não os quero no toucador da minha Emilia; além do que, toda a mulher que se sabe pregar não esquece a arte de esconder o alfinete.

É uma das condições essenciaes para se dizer de uma dama: *«prega-se bem.»*

Ha um chiste e uma elegancia na mais pequenina prega, que logo revela o estado social e a condição da senhora.

E até ha quem affirme que as virtudes e os defeitos moraes se adivinham n'estas insignificantes bagatellas da toilette...

Porém de que tratava eu?...

Ah! sim, dos alfinetes pretos. Estão banidos para sempre do toucador da minha Emilia. Quero unicamente ver aqui objectos que me recordem idéas e pensamentos juvenaes.

O alfinete preto suscita-me funebres presentimentos de luto.

XIV

Já não acontece assim com estes massos de ganchos que lhe comprei para segurar as madeixas de seus longos e formosos cabellos.

Desde que os ganchos se inventaram nunca os houve d'outra cor senão pretos.

A arte tem ensinado a pregar-os por tal forma, que mesmo a trança mais loira se serve d'elles, e são necesarios olhos de lince para os descobrir por entre a fulva cor.

A invenção dos ganchos fez de certo uma revolução no penteado das damas.

Como seria possível sem o auxilio d'elles segurar toda essa immensa architectura que a moda de quando em quando inventa?

Palavra de honra que ainda hoje passmo quando vejo os antigos retratos dos seculos passados, com uns penteados tão altos e tão apparatusos que ameaçavam, qual torre de Babel, affrontar o ceo!

A minha Emilia, que ama a simplicidade, tem uma arte para tocar-se que maravilha e arrebatava.

Uma simples trança, uma madeixa mais ou menos enastrada, dão-lhe um realce e uma belleza que mais lhe anima, se é possível, aquelle rosto encantador.

Figuraram os antigos poetas da Arcadia as tranças

das suas pastoras servindo de algemas forjadas pelas mãos dos Amores.

Outros disseram que eram rédes com que o astuto Cupido se deitava á pesca dos corações.

Quasi que me sinto inclinado a dar razão áquelles poetas. As tranças da minha Emilia sujeitaram-me o alvedrio.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

PARÁ.

A cidade de Belem do Gran-Pará fica assentada na bahia de Guajará margem oriental do rio Tucantins.

Este rio, que é designado pelo nome de Pará na parte inferior do seu curso, nasce na provincia de Goiás, e communica com o Amazonas por um canal, cujas aguas, segundo diz Ferdinand Denis, são salobras. A largura do rio é mui desigual. Dois são os rios que o formam: o Tucantins, propriamente dito, e o rio Grande ou Araguay. Tem numerosas ilhas no seu leito, que demorando a corrente facilitam a navegação, e a sua foz é igual á do Maranhão.

Belem foi fundada pelos fins do seculo XVII. Eleva-se em planicie, que se prolonga quasi a distancia de vinte e cinco leguas do mar, e apesar da sua posição é uma das mais sadias do Brazil. Tem um passeio, que foi mandado plantar pelo conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, e que constando de varias arvores, se distingue especialmente pelo seu grande numero de mangueiras.

Esta cidade é consideravel pelo seu commercio, e notada nos autores que tem fallado d'ella, pelo genio philanthropico dos habitantes, que prestam adjutorio e protecção ao europeu ali chegado.

Entre o Tucantins e o Maranhão, eleva-se na embocadura do Amazonas a ilha de Marajo, que tem vinte e sete leguas portuguezas de norte a sul, e trinta e sete d'este a oeste. Muitos rios a banham, em quasi toda a extensão, e o seu terreno é feracissimo, por cause da sua excellento terra vegetal que o curso dos dois rios ali tem reunido nos destroços que arrastam na corrente.

Esta ilha é propriamente o celeiro da cidade de Belem, e famigerada pela abundancia de gados, que n'ella se propagaram rapidamente.

Na vasta embocadura do rio do Pará succede um phenomeno que varios autores mencionam, e que merece relatar-se, por ser n'este sitio entre Macappa e o cabo de Norte que assume um caracter mais grandioso do que em nenhum outro rio. Os indios dão a este phenomeno o nome de *Pororoca*.

Quando chegam os tres dias precursores da lua nova ou cheia, que é a epoca das maiores marés, corre de praia a praia uma vaga de quinze pés de altura, com pavoroso arruido. A esta onda segue-se segunda, terceira e ás vezes quarta, que se precipitam na praia com tal impeto, que derrubam quanto se lhe oppõe. A maré, em lugar de gastar seis horas em encher, chega em um ou dois minutos á sua maior altura.

Aquelle arruido feito pela vaga, e que se ouve a duas leguas de distancia, é a que os indios dão o nome de *Pororoca*.

Foi na ilha de Marajo que o insigne padre Antonio Vieira, o nosso maior orador sagrado, pregou e converteu a maior parte dos indios que a habitavam. Eram elles da nação *nhengahyba*, e tinham o titulo de *igaruanas*, ou canoeiros, porque da navegação faziam a principal occupação da sua vida selvagem.

Usavam estes indios umas canoas a que chamavam *maracatu*, que se formava da palavra *maracata*, nome do instrumento sagrado dos Tupinambas, e de *tim*, que significa bico de passaro. Ligavam o maraca a uma vara comprida, que atavam á proa d'aquellas canoas de guerra, e um indio era encarregado de fazer soar continuamente este sagrado instrumento, por meio de uma corda.

Era assim que as suas armadas seguiam ao longo das costas levando a guerra ás tribus com que andavam desavindos.

Uma das industrias do Pará é o fabrico da manteiga feita dos ovos das tartarugas, as quaes acodem em cardume ás margens do rio, e na areia põem os ovos. A postura começa em geral ao pôr do sol, e termina com o crepusculo da manhã. Cada tartaruga deixa na areia pelo menos sessenta e um ovos, e cento e quarenta ao maximo. Depois abandona a praia.

Feita a colheita pelos habitantes das aldeas vizinhas que ali acodem, accumula-se este grande numero de ovos em montões de quinze a vinte pés de diametro, com uma altura proporcionada; deitam-se os ovos em barcos calafetados cuidadosamente, quebram-se com forcados de madeira, e calcam-se com os pés até ficarem reduzidos a uma massa amarella, sobre a qual se lança agua, e se deixa depois exposta ao sol. O calor atrahê á superficie a parte oleosa que se tira com colheres feitas de conchas, e deita-se em caldeiras, que se expõem sobre um fogo lento. Pouco a pouco esta especie de gordura se clarifica, e adquire a consistencia e a cor da manteiga derretida. Em arrefecendo guarda-se em panellas de barro, que se tapam com folhas de palmeira.

Outra industria tambem propria do Pará é o *cautchuc*, ou gomma elastica. Esta gomma é obtida d'uma arvore do genero *euphorbias*. O trabalho é feito nos quatro mezes de maio a agosto, praticando-se cortaduras transver-

saes nas sobreditas arvores. Ata-se por baixo d'estas cordaduras ou fendas um pequeno vaso de greda, que dentro em vinte e quatro horas fica cheio d'aquelle liquido. O succo é vasado em moldes de greda, segundo a forma que se quer, e que são untados muitas vezes com o proprio liquido que se acaba de recolher. Para que o cautchuc, ainda fresco, se não corrompa, expõem-se os moldes ao fumo da palmeira *uassu*. Esta fumigação é que lhe dá a cor preta. Quebram-se os moldes quando as camadas de gomma tem adquirido sufficiente consistencia.

O CONVENTO DE S. FRANCISCO EM BRAGANÇA.

Já no num. 23 d'este jornal tivemos occasião de falar de Bragança, estampando o desenho do castello, e dando uma minuciosa noticia da povoação. Agora apresentamos o convento de S. Francisco, e diremos o que sobre tal edificio é acreditado.

O convento de S. Francisco, de muito boa e regular architectura, é venerando pela sua antiguidade.

Pelas chronicas e memorias dos frades franciscanos, consta ter sido o segundo convento do reino, fundado pelo proprio S. Francisco em 1214, quando, cumprido um voto, voltou por esta provincia: havendo-lhe sido doado o terreno para o edificio pela familia dos Moraes e Castros.

Por muito tempo uma capella que havia, com a invocação de Santa Catharina, serviu de igreja ao convento; mas depois, d'essa capella fez-se a casa do capitulo para a comunidade, e ali se erigiu o jazigo para os doadores.

Em 1728 o convento soffreu um incendio; porém em 1800, pelas diligencias do general Sepulveda, que governava então a provincia, foi reedificado, á custa da ordem e d'alguns devotos que concorreram com esmolas.

MALTA.

O ceo africano pendente a este paiz, é de tal formosura e frescura, que Lamartine e Jouve o celebram nos seus escriptos. A Hyperea dos pheacos perde-se nas relações fabulosas: a Méliia dos gregos está sendo hoje celebrada entre as suas recordações.

Carthago concorreu com as suas riquezas para a conquista de Méliia. Nas guerras punicas foi saqueada pelos romanos, que depois a reedificaram.

Tambem os godos se assenhorearam d'ella. Antes d'elles foram os carthaginezes seus dominadores.

Na divisão do imperio romano, Malta coube em partilha a Constancio.

Em 1530 a soberania perpetua da ilha foi entregue aos cavalleiros de S. João.

No dominio d'estes esforçados cavalleiros foi tida como uma das principaes praças de guerra. As batalhas religiosas encontraram-a sempre tão denodadamente defendida, que a recordação da sua defesa passou como baluarte da christandade ás edades futuras.

A ilha de Malta tem vinte leguas de circunferencia. É fronteira á Sicilia pelo lado do norte. Tunes limita a ao sul. Candia fica-lhe a leste. Os rochedos de Linosa e Lampedusa demarcam-a pelo oeste.

Na lingua de terra que se estende entre os dois surtidouros de Linosa e Lampedusa, está assentado o forte Santelmo.

Junto ao porto Marsa fica o castello de Santo Angelo.

Quando os cavalleiros d'esta distincta ordem tomaram posse da ilha, era aquella fortaleza a unica que existia.

Malta está dividida em duas cidades e vinte e tantas aldeas ou casaes.

Na cidade velha, eram notaveis o palacio do grão mestre da ordem, a cathedral, e as catacumbas.

O grão mestre Lavalette lançou os primeiros fundamentos da cidade chamada Valetta, em 1566, e foi feita com tal presteza, que em 1571 estava toda concluida. Não se tratou de construir edificios magestosos, mas unicamente de defendel-a com boas fortificações; comtudo ha alguns monumentos, entre os quaes se conta a igreja de S. João, erecta por La Cassière, grão mestre da ordem.

Malta pertence hoje á Inglaterra, que tem aproveitado excellentemente a formidável posição da ilha. Ainda ha pouco, na guerra do Oriente, era o logar de reunião das frotas inglezas que iam para o mar Negro.

CHRONICA SEMANAL.

A novidade mais importante da semana foi a abertura do theatro francez. Entremos portanto na platéa: estava uma enchente real. Divisava-se entre a turba multa de candidatos, que formam actualmente as maiorias em qualquer reunião publica (tantos são elles) algumas illustrações assim litterarias como politicas.

O mundo elegante, o mundo aristocratico e o mundo financeiro, guarneciam os camarotes. Todas as prevenções eram favoraveis á companhia; os boatos mais lisonjeiros haviam circulado a seu respeito. Mas levante-se o panno e vejamos a peça e os artistas.

Não nos alargaremos com a apreciação da comedia *Les contes de la reine de Navarre*, porque julgamos desnecessario. É uma producção já conhecida do publico e avaliada pela critica. Escolhida para a abertura do theatro normal, quando o governo tomou conta da administração, a imprensa occupou-se seriamente da sua analyse, e uma das pennas mais competentes e eruditas da nossa litteratura, revelou fundamentando-os, todos os anachronismos,

todas as inexactidões, todos os disparates de que está recheada, em frente da historia.

Além de desfigurar moralmente a infanta de Portugal, foi ainda mais longe: chrisinou-a. É pasmosa a semceremonia com que os escriptores francezes transformam os nossos personagens historicos e alteram os factos mais importantes. Já vimos, não nos lembra em que romance, Affonso vi sob as feições mais pronunciadas de D. João v. Ninguém ignora como Alexandre Dumas arranjou um desembarque em Mafra. E o proprio Villemain não duvidou inventar o poeta *Marcia* para citar ao lado de Camões. Está decidido que não põem dedo nas nossas coisas sem errar. É verdade que mesmo nas suas, seja dito em verdade, não são lá dos mais conscienciosos. Voltemos á comedia.

Les contes de la reine de Navarre apesar da voga e exito que obteve em França, confessamos sinceramente que não é das obras de Scribe que nos merece maior preferencia. Escripita na intenção quasi exclusiva de fazer brilhar uma artista eminente, sacrificou o resto dos personagens a este empenho. Margarida a formosa e interessante irmã de Francisco i domina a comedia durante os cinco actos. É ella quem ata e desata a intriga; é ella quem agita e move as figuras que a cercam; é ella finalmente quem promove todo o interesse e attrahe toda a attenção.

Carlos v, vulto que abrangueu quasi uma epoca, apparece desfavoravelmente na comedia, sem o menor traço caracteristico que o represente, sem o mais leve toque que dê a medida do homem. Para elevar Francisco i abateu demasiado Carlos v.

Mesmo como acção e movimento é das comedias de Scribe a mais pobre d'estes attributos. Sendo innegavelmente esta, uma das qualidades que o autor da *Calomnie* e da *Camaraderie*, possui em elevado grau, comtudo n'esta comedia esmorece n'algumas scenas, tornando-as longas e aridas. O dialogo prolonga-se a miudo sem necessidade, o que desperta na platéa geral impaciencia.

Les contes de la reine de Navarre, assim como a *Czarine*, subordinam muita vez o effeito scenico á paixão politica. Na segunda, escripta durante a luta no Oriente, tentou Scribe e conseguiu tirar partido da impressão que certas doutrinas haviam por força de causar no povo francez, e n'aquelle momento; na primeira foi tambem procurar no pandonor nacional identico resultado. Ambas as comedias participam da mesma idéa aproximadamente e obedecem a igual fim. A prova é que no estrangeiro, onde nenhuma d'estas condições se pode dar, tanto uma como outra comedia tem sido recebidas friamente, e pouco ou nenhum exito tem obtido.

Em França, estamos convencidos que é ao segundo acto que *Les contes de la reine de Navarre* devem o acolhimento lisonjeiro que alcançaram, concorrendo tambem a grangeal-o o talento especial e reconhecido da artista que desempenhou o papel de Margarida.

Passemos agora aos artistas. Mademoiselle Boudeville, a quem foi distribuido o papel da espirituosa e seductora irmã de Francisco i, faltam-lhe absolutamente todos os predicados indispensaveis para o poder realizar. Só um talento superior alcança, á força de arte, encobrir a ausencia dos dotes physicos, indispensaveis a alguns papeis. Margarida está n'este caso; a historia esmerou-se sempre em apresental-a como um typo de formosura e um prodigio de elegancia.

Ora francamente mademoiselle Boudeville está muito longe do original, a julgal-o pelos retratos mesmo os menos favorecidos. Havia portanto só um meio de fazer esquecer d'alguma forma este defeito de copia: era captivando a sympathia pelo talento. Na intenção, no gesto, na attitude, na elegancia podia resgatar essa falta. O papel abunda em ditos espirituosos e em finos epigrammas de que é facil tirar immenso partido. A actriz embellezaria a mulher: não faltam exemplos. Porém nada d'isto se deu; nenhuma das bellezas do dialogo foi interpretada na sua verdadeira altura. Scenas das mais delicadas passaram desaperecebidas: sempre a mesma monotonia do principio ao fim, sempre o mesmo sorriso, sempre o mesmo olhar e nenhum dos dois significativo.

Na platéa o desagrado da actriz tornou-se geral e duvidamos já que mademoiselle Boudeville possa conquistar applausos. Restar-lhe-hia ainda appellar para o drama, onde talvez mostrasse mais vocação, mas ajusando por esses pequenos lances que offerecem n'este genero *Les contes de la reine de Navarre*, palpita-nos que o timbre da sua voz tão desagradavel quando a eleva hade prejudicial-a demasiado. Até ver.

Mademoiselle Daubrive, que o elenco denominava *coquette*, é a negação completa do *emploi*. Classifica-a seria difficil e muito; julgal-a ainda mais. Adiante.

Mr. Philibert, *père noble*, (é ainda o elenco que assim lhe chama) desempenhou ou repetiu o papel de Carlos v. Poderão accusal-o de ignorancia dramatica e artistica, mas não lhe podem negar disposições tragicas. A fronte sempre erguida, o olhar carregado e severo, os braços de ordinario cruzados, os movimentos lentos. Calado era supportavel; nos quadros vivos fazia fortuna. Sinceramente, houveram occasiões em que o admirámos — divertiu-nos.

Mr. Speck, *jeune premier*, tem uma physionomia sympathica e mostra disposições para o genero a que se dedica. Esperamos vê-lo n'outra peça para então o avaliarmos melhor.

Mr. Dupuis, *comique marqué*, não nos parece que venha nunca a fazer grande fortuna, pela graça. Coube-lhe o papel de Babieça, e seja dito em seu elogio que empregou todos os esforços possiveis e impossiveis para promover a hilaridade, advertindo porém que o não conseguiu. Ao menos agradeçamos-lhe a boa vontade que mostrou. Em scena está elle continuamente: não pára nunca, mexe sempre, gesticula, curva-se, desloca-se, finalmente é uma desinquietação incommoda. O catalogo das momices sabe-o de cor e accomoda-o a tudo que faz. Accrescentae agora a isto uma voz nasal e desagradavel. Ninguém executaria com mais propriedade o intervallo *Estou constipado!* do nosso amigo F. Palha.

Mr. Luguet é nosso conhecido antigo—infelizmente. Distribuindo para si o papel de Francisco i andou com espartezza. Tinha pouco que fazer e muito a esperar. O effeito do final do segundo acto é seguro mesmo para um actor mediocre. E apesar de tudo isto não imaginem que fez maravilhas. É tal a tendencia para a exaggeração, que até na comedia foi melodramatico.

Vamos entreter-nos um instante com mr. Carré *premier comique*.

Duas são as comedias em que temos tido occasião de admirar o seu talento: *Le Supplice de Tantale*, e *Riche d'amour*.

Nenhuma d'ellas é desconhecida do publico; a primeira foi já representada em francez e portuguez, a segunda igualmente.

O enredo do *Supplice de Tantale*, pode contar-se em meia duzia de linhas. Resume-se n'isto.

Um mancebo cheio de illusões, mas vasio das algebeiras, sente dentro em si um desejo ardente, uma ambição extrema, de gosar todas as commodidades da vida, de satisfazer todos os seus caprichos, de realizar todos os sonhos vaporosos da sua imaginação. Como elle ha muitos, ha porém poucos, raros a quem lhe acontecesse outro tanto. Cae-lhe das nuvens uma fortuna,—a nuvem é figura de rhetorica; d'um tio desencaminhado por esse mundo de Christo, é que lhe vem a sobredita fortuna. No theatro é facil acontecer d'isto; cá fóra não é vulgar.

Vendo-se rico inesperadamente, e sem lhe custar nada, resolve logo pôr em pratica os seus projectos. Compra uma casa esplendida, encommenda para a mesma noite uma ceia opipara, ensaia uma conquista, não esperdiça afinal um minuto. Ainda não dissemos que o pobre rapaz era scismatico com doenças, mas ainda vae a tempo. Assim como de prevenir o leitor que ha um medico, amigo verdadeiro do novo Cresus, e que vendo imminente a ruina futura, se o deixa commetter os desvarios que necessariamente haviam de resultar da sua inexperencia, imagina um estratagemas para o salvar. Durante a ceia, consulta sem cessar um dictionario de medicina, e quando o nosso amphytrião aproxima o copo dos labios, aconselha-o que não beba. A alguns manjares appetitosos renova-lhe a recommendação. Esta conducta do doutor faz scismar o nosso heroe, e consultando o livro que o doutor tinha diante de si lê a palavra *anévrisme*, e quasi que desmaia. Interroga o doutor, e este diz-lhe que tome cautela em si. Do receio da morte que lhe inspira aquella aviso, e das occasiões que a cada passo se lhe apresentam de satisfazer todos os seus appetites, é que nascem as scenas extremamente comicas que matizam esta comedia. Não as recommendamos como moral, apenas como passatempo—ligeiro.

Riche d'amour é um compendio de fatalidades que acontecem a um homem pela falta de cinco francos.

Mr. Carré é um actor intelligente e dos mais perfectos que tem vindo ao nosso paiz. No *Supplice de Tantale* representou com muito talento, e revelou em diferentes scenas certas delicadezas de gesto e de intenção que bastam para o considerar um bom actor. Parece-nos que n'esta comedia o desempenho foi superior ao *Riche d'amour*. É verdade que tanto n'uma como n'outra, soube conquistar espontaneos e merecidos applausos.

Les premières armes de Richelieu foi a comedia escolhida pela *soubrette* para debute.

Poucas comedias estão tanto na memoria do publico, como esta. É uma das mais brilhantes e mimosas creações da nossa actriz Emilia; é uma das suas melhores corôas artisticas. Teve um prestigio immenso, tanto que viveu com intervallos no cartaz quatorze ou quinze annos, e ainda ultimamente quando appareceu, o publico festejou-a com alvoroço.

Mademoiselle Sophie Beroud, intendeu que o seu talento estava acima de todas estas considerações, e que apparecendo em scena tudo esquecia para exclusivamente a admirarem. Pela nossa parte declaramos que não só a achamos inferior á artista portugueza, mas até nos pareceu muito mediocre. Os applausos que lhe prodigalisaram no fim, não tem significação artistica.

Au Printemps, foi a flor do espectáculo. É um idyllo dialogado, respirando toda a frescura, toda a suavidade, todo o perfume mimoso da mesma primavera.

Madame Bergeon, *duéque*, é um bello talento e superior a todas as suas antecessoras.

No theatro de S. Carlos cantou-se o *Attila*, essa energica e grandiosa concepção de Verdi. Fica para o numero seguinte a analyse.

A dança, *As filhas do Oceano*, foi ao fundo.

ERNESTO BIESTER.